

**Anais do
IV Seminário Internacional de Integração Étnico-Racial e as Metas do Milênio**

PERSONAGENS DE RESISTÊNCIA NAS LITERATURAS INFANTIS

Characters of strength in children literatures

Celia Regina Mistro¹

1. Mestra em Letras - Universidade de São Paulo. Professora e Pesquisadora NUPE - Faculdade de Tecnologia ENIAC-FAPI
celia.regina@eniac.com.br

RESUMO

A discussão sobre os personagens de resistência nas literaturas infantis chama atenção para os tempos de transformação do Sistema, quando a transmissão de valores é necessária para incorporar “realidades” não apenas na geração presente, mas na futura, quando a natureza pedagógica acaba se sobressaindo. Assim, as obras literárias abrangem dois âmbitos de um lado a favor do imaginário e do outro, a favor da ação. Elas são instigantes e provocam a resistência, levando a novos rumos para transformar a ordem existente.

Palavras chave: Personagens das literaturas infantis. A transmissão de valores, transformação.

ABSTRACT

The discussion of the resistance characters in children's literature draws attention to the System transformation times when the transmission of values is necessary to incorporate “realities ” not only in this generation but in the future , when the pedagogical ends jutting . Thus, literary works cover two areas of one side in favor of the imaginary and the other in favor of action. They are exciting and provoke resistance, leading to new ways to transform the existing order.

Keywords: Characters of children's literature. The transmission of values, transformation.

INTRODUÇÃO

Os romances Ngunga, de Pepetela e João Sem Medo, de José Gomes Ferreira, o primeiro angolano e o segundo português, podem nos dar uma pequena dimensão do sofrimento de crianças que vivem em momentos de guerra. Apesar de a guerra pertencer ao mundo do adulto, os mais indefesos são os alvos mais frágeis de uma história, que alterará para sempre o imaginário por consequência a construção de um devir.

O objetivo da pesquisa é refletir sobre a situação dos refugiados a partir da análise desses romances. A justificativa é compartilhar sobre o possível e o imaginário quando a vida humana parece não sensibilizar a humanidade na elite política do mundo, e assim alertar jovens para a necessidade de se repensar uma nova forma de ver o mundo.

A metodologia para o conhecimento das obras supra mencionadas se pauta pela pesquisa bibliográfica e eletrônica.

1. O PAPEL DA LITERATURA

Em tempos de transformação do Sistema, quando a transmissão de valores é necessária para incorporar “realidades” não apenas na geração presente, mas na futura, a natureza pedagógica acaba se sobressaindo. Assim, as obras literárias abrangem dois âmbitos: de um lado, a favor do imaginário e, do outro, a favor da ação. Elas são instigantes e provocam a resistência, levando a novos rumos para transformar a ordem existente.

2. UM POUCO DE NGUNGA

A personagem Ngunga é um órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo. O pai, que era já velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito. Só ficou Mussango, que foi apanhada e lavada para o posto. Passaram quatro anos depois desse triste dia. Mas Ngunga ainda se lembra dos pais e da pequena Mussango, sua irmã, com quem brincava todo o tempo (PEPETELA, 1972).

Esta história de Ngunga foi contada por várias pessoas, nem sempre da mesma maneira “(...) procurou-se em todas as escolas, para ver se encontrava o Ngunga. Mas foi em vão (...) Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós...” (PEPETELA, 1988).

Ngunga nasce com o objetivo de minimizar a necessidade do aprendizado da língua portuguesa para as crianças. Segundo Pepetela (1972), da mesma maneira, Ngunga também tem este tipo de preocupações. Mas tinha outro objetivo, já era para ser publicado. Não como livro, mas como folhas, na escola. Aí talvez seja melhor, já há uma preocupação didática. A precariedade do sistema escolar em Angola legitima a política de exploração colonial com interesse centrado no trabalho, na extração de benefícios para favorecer economicamente a nação Portugal. Ngunga se torna um arquétipo do futuro homem que luta pela liberdade de sua pátria, livrando-a da colonização. É um personagem de ação, representa a voz de um povo envolvido nas lutas de libertação, seu professor via no menino o guerrilheiro ideal, capaz de tornar concreta a independência de Angola.

“O comandante Mavinga era corajoso, levou Ngunga para a escola, fê-lo compreender a importância da leitura e da escrita na vida de um pioneiro, determinou a comida para os internos da escola, discutia sobre as ações nos kimbos que percorria, compreendeu e respeitou a criança Ngunga ao impedi-lo de ficar junto dos guerrilheiros, orientou o adolescente na descoberta do amor de Uassamba. Movimento não perdeu no combate, pensou ele e... Perto do arame farpado, rastejou para passar na abertura que tinha preparado nas noites anteriores... O pioneiro do MPLA luta onde estiver – gritou ele par as árvores. E correu para a liberdade, para os pássaros, para o mel, para as lagoas azuis, para os homens. Atrás de si ficava o arame farpado, o mundo dos patrões e dos criados”. (PEPETELA, 1972).

Afastar o inimigo do espaço angolano implica o resgate de uma identidade nacional historicamente penalizada por séculos de colonialismo opressor. Ngunga é um herói que deve fazer surgir um novo homem, para quem as palavras só teriam valor quando aliadas a atitudes. Declara a necessidade de aprender, atitude fundamental para quem deseja transformações, adquirir do outro tudo o que ele pode oferecer e, através da reflexão, fazer surgir um modelo próprio.

3. UM POUCO DE JOÃO SEM MEDO

João Sem Medo tem seu mundo interdito representado pelo muro. A sociedade de João Sem Medo vive cercada por um muro na Aldeia dos Choramingsas, prisioneiros do sistema salazarista, que impossibilita o diálogo aberto impedindo a consciências das questões fundamentais para a evolução e transformação sociais, naturais de sociedades livres. A obra foi

criada em capítulos semanais para uma revista infantil, ficou engavetada por quase trinta anos, temendo as represálias do sistema, mas um dia se encorajou e disse “não” à mesmice, e, “sim” à revolução. Ela é uma denúncia, mas também o questionamento da relação do povo com o sistema político.

João Sem Medo quer que os habitantes da aldeia o acompanhem na empreitada de “pular” o muro, ou seja, romper com sistema que os oprime, mas percebe o tamanho do medo que toma conta delas, como elas estão enfraquecidas para romper com o sistema e conquistar o mundo da liberdade.

“Cidadãos! Precisamos de organizar uma conspiração urgente contra as lágrimas mal choradas. E raspar o musgo das faces. E tirar o verdete das bocas. Viva a alegria revolucionária! (...) mas quem o queria ouvir? (...) Deixa essas ideias, meu filho... Não estragues o nosso rico sossego, a nossa aprendizagem para cadáveres. E chora, chora, chora como nós. Derrete-te em lágrimas e desiste”. (FERREIRA, 1978).

João Sem Medo vai percorrer um mundo carnavalizado dos contos maravilhosos de origem popular, pois era a aspiração de conhecer um mundo diferente daquele: “farto de tanta chorinque e de tanta miséria que gelava as casas encobria os homens de verdete...” fará uma viagem, e para isso sairá de casa, distanciar-se-á da mãe e dos moradores da aldeia: “Mãe, não aturo mais isto. Vou saltar o muro”, terá sempre um desafio para chegar à realização de seu objetivo. Quando os olhos reabriram, verificou com um sorriso de compreensão irônica que da clareira partiam dois caminhos, os dois caminhos clássicos de

todas as histórias de encantos e prodígios: um asfaltado, cômodo, ladeado de amendoeiras em flor; o outro, pedregoso e eriçado de espinhos, urtigas e urzes. (FERREIRA, 1978)

4. O QUE É O SALAZARISMO

Antônio de Oliveira Salazar é o primeiro-ministro, que assume o governo em Portugal, após o golpe militar. O salazarismo foi um sistema ditatorial, que é um mecanismo cerceador da liberdade imanente do homem, interfere diretamente no psicológico humano, enfraquecendo a capacidade transformadora social, tornando-a refém do algoz. Enquanto Portugal vive, ou melhor, sobrevive ao sistema salazarista, Angola, que era colônia de Portugal, sofre com os mandos e desmandos da matriz somados aos locais: chefes se aliavam às forças oficiais portuguesas para obter regalias, provocando tal desestrutura local, que ao fim do sistema colonial (1972), Angola passa a viver uma guerra civil.

O ser colonizado já é vítima de uma série de barbáries, no caso de Angola isso já acontecia desde o século XV com a escravidão mercantilista. Tal colonização teve seu desfecho com a Revolução dos Cravos em 1972, quando cai também o regime salazarista; portanto, são cinco séculos de regime colonialista, ou seja, o povo angolano apenas recentemente pôde retomar as rédeas de seu país.

5. UTOPIA: A SALVAÇÃO

Os períodos de opressão político-social provocam a desumanização nos seres atingidos. Recuperar a capacidade humana de agir segundo mecanismos da razão é uma batalha

que tem de vencer, em primeira instância, o imaginário. Rompendo obstáculos, as fórmulas humanitárias reencontram espaço para reproduzirem-se, manifestando a liberdade. Muitas vezes, o imaginário encontra-se cristalizado ou mergulhado na escuridão, necessitando de fórmulas mágicas para rompê-lo, iluminá-lo. A utopia, parte imanente do homem, não pode deixar de estar inserida no plano de suspensão de paradigmas, denunciando um rumo não único, mas a descoberta do individual no social e vice-versa.

Ambas as personagens são questionadoras: João Sem medo usa seu imaginário para questionar o comportamento dos Altos Poderes e terá de decidir entre as vozes do “Bem” e do “Mal”, assim, faz seu leitor questionar a ordem estabelecida. Já Ngunga ouvirá a voz de uma sociedade que há séculos clama pela liberdade. A polifonia vai guiar ideologicamente as personagens que, a partir de diálogos travados com várias partes da sociedade, constroem o aprendizado necessário para alcançarem seus objetivos. Ngunga e João Sem Medo são personagens que não devem fazer parte apenas de um texto, mas de um contexto vivo, cujas ações tornem-se práxis social. O espaço utópico é a recompensa da ousadia aos homens determinados pela vontade de transformação, imbuídos pelo anseio de diminuir a distância entre o homem e a justiça de exercer sua liberdade, acuando monstros mantidos pelo imaginário, ou destruindo o inimigo e sua cercas de arame farpado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de cada ser há um imaginário. Dentro de cada criança desenraizada há uma esperança de pátria. A luta dos povos que migram é uma realidade, bem como suas necessidades. Cada criança síria deve se nutrir de desejo de liberdade, romper as barreiras da opressão, construir sua história, sua pátria livre. A utopia pode ser um caminho entre tantos de que se dispõem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As aventuras de ngunga, de Pepetela. Autor Leonor Odete João Curso de: Português Iº Ano Nº: 26; Turma: Pós-Laboral. O Docente Prof. Manuel Muanza Luanda, 2013.

República de Angola Colégios Moshangal irmão Língua Portuguesa Tema **Vida e obra do escritor Pepetela** Turma: única Turno: matinal Classe: 8ª Sala: 5 Docente, 2013

CORREIA, R. Bonecos de Luz, Editorial Notícias COUTO, Mia, **Contos do nascer da terra**, Editorial Caminho COUTO, Mia, **O fio das missangas**, Editorial Caminho DOYLE,

FERREIRA, J.G. Ngunga de Pepetela e João Sem Medo.

MISTRO, C.R.; FERNANDES, G.C.; CUNHA, A.F.R. **O racismo e as políticas sociais e ambientais.** In ojs.eniac.com.br. III Revista Brasil para todos. Eniac, São Paulo, 2015.

SALAZAR A.O. **Revolução dos Cravos** / Educação. Portugal, 1972.